ANO XVII — Domingo. 16 de Setembro de 1917 — NUMERO 862

ANUNCIOS
Por linha $04
Repetições $02
Fora destas secções preço especial.
Imposto do selo a cargo do anunciante.

Gazeta de Espinho

ASSINATURAS
Portugal, ano $80
Semestre $40
Extrangeiro, ano . . . . . 1$50
Numero avulso, $02

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

AVENÇA

FUNDADOR: Dr. J. Pinto Coelho — DIRECTOR: Alberto Milheiro
ADMINISTRADOR, Antonio Cirne de Madureira — EDITOR, Joaquim Rodrigues Capela

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dezenove n.º 36
ESPINHO

Propriedade da Empreza
GAZETA DE ESPINHO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Imprensa Pátria
R. ANTERO DO QUENTAL, 36—OVAR

Uma questão

A' tôna da babugem limosa deste atoleiro de trapaças, intrigas e enredos que tudo invadem, demolem tudo e tudo apodrecem, não apareceu a flôr de lotos dum unico argumento, a opôr-se á moralidade e proveito que — para todos nós, os que amamos esta terra e desejamos o seu engrandecimento — representava o constituir-se uma comissão que, recebendo muito mais que a camara costumava cobrar dos casinos, administrasse essa importancia, com toda a independencia e em beneficio geral.

Nem um só argumento se viu a mascarar-lhes a ruindade da consciencia, a mesquinhez das intenções e a vileza dos meios de que se serviram.

Vaidosos como nulos, porque os nulos são extremamente vaidosos, bastou o simples facto de não lhes caber a primasia de lançarem a ideia da comissão — não lhes permitindo a brotoêja da vaidade que, aproveitando a ideia, tentassem a sua efectivação — para a combater com mais cego rancor e sem o minimo cuidado pela dignidade propria.

Foi o que se viu.

Uma vaidade descomedida, de megalómano, irritada, irritante e irrisoria a impulsionar individuos, aniquilados para qualquer iniciativa que não seja em beneficio proprio, corrompidos por um autoritarismo estupido, castrados na dignidade por uma disciplina bronca, pôdres no caracter pela fermentação constante das intrigas e com a côdea da imbecilidade a sopesar-lhes o cerebro.

Foi isto o que se viu.

Partisse, dos que a combatem, a ideia e vê-los-iamos, tão repletos de vaidade, como minguados de prudencia, acocorados numa auto-admiração, extasiados perante a sua imagem, lançando, a todos os ventos e em toda a parte, a sublimidade da sua ideia e a grandeza do seu talento.

Mas, porque assim não sucedeu — o que só por abortivo capricho da Natureza poderia acontecer — aqui se nos deparam uns, aquilatando a inteligencia, a probidade de caracter alheio, pela sua astucia; ali encontramos outros, atarefados em infamar as boas intenções e a deturpar os bons desejos dos que pretendem engrandecer esta terra; acolá vêmos aquel'outros, insinuando velhacarias e torpêzas.

Foi isto o que se viu. Foi esta a verdade. Sim. Foi isto o que aconteceu.

Argumentos? Nem um só!

A' laia de argumento, muito sediço, muito bafiento, tresandando a baratas e pedindo Pós de Keating, diziam que a camara estava habituada a receber o dinheiro dos casinos.

Era habitual, era costume.

O' senhores, calem-se, tenham vergonha, por amor de Deus!

Porventura fazem nas ceroulas o que punham nos cueiros? Se fazem, perfumem-se.

Acabem com esse destempero.

E será por este motivo, para evitar tais inconveniencias, que vêmos para aí certo individuo sempre a corricar, com ares de quem tem dôres de barriga?

Trate-se, homem. Olhe que isso são lombrigas.

BELISCÕES

—:—

A beira-mar

Precisa ser limpa, pôr-se mais asseada. Ha cousas, que de lá precisam desaparecer, para não envergonharem... Espinho.

—

Tentadôra

Não confundam com nenhuma loja de modas, essa creaturinha de nariz grego, cujos olhos põem *gregos* quantos para ela olham.

—

A Toque de Caixa

Para os alcantilados das serras e dos recêssos das montanhas, só... a *toque de bombo*.

—

Coelhos

Um grande ano de caça!!!
Até apareceu um *coelho*... á «Beira Mar»!

—

Alegre?

Manuel sim, mas alegre, não. Não veem que está sempre carrancudo?

—

Ela

Sim, sempre ela, com os seus negros olhos e a sua linda boca. Boca, feita para mentir, e olhos para enganar... o da rabeca.

—

Só o do bombo...

Só o do bombo é que sim; ele é que manda, o nosso.....
Até rima.

B.

A' toque de caixa

—:—

Sr. director:

Debatia-me com um meio bife á ingleza, ali, no Peninsular, socegadamente, quando a trindade entrou. Tudo mudou. A melancolia que me acabrunhava e a monotonia que nos enchia de mal-estar, depressa se transformarám em efusiva alegria, em pitoresco e agradavel convivio.

Sentaram-se. O *garçon* trouxe uma *purée* de lentilhas. Columbina serviu Arlequim, serviu-se e deixou que Pierrot se servisse.

Estoira a primeira garrafa. Uma só taça. Arlequim enche-a, oferece a Columbina que prontamente a leva aos lábios sensuais, humedece-os, Arlequim imita-a e Pierrot, sofrego, que gosou extasiado toda a cena, emborca tudo por fim, e dando um estalinho co'a lingua, arrisca:

—Que bom! Divino!

Os outros não lhe ligam nenhuma, coitado!

As mãos papudas, prenhes de oiro e pedrarias, febris, de Arlequim, procuram frescura no seio eburneo, tentador, de Columbina.

Começa a bacanal.

Serve-se agora *fillets de monton*. Pierrot ri. Columbina e Arlequim sorriem. Haviam percebido a historia. O carneiro foi sacrificado, e ali mesmo, estupidamente, a sua carne era deglotida.

No homem a alma é imortal; no carneiro...

Pierrot decidira ficar com o espólio do cárneiro.

Mais duas garrafas que se esvaziaram. Columbina bebe, Arlequim bebe, Pierrot escorricha.

Columbina e Arlequim divertem-se. Pierrot, coitádo! sem ter ninguem no mundo, e que por decoro se conservara coberto, sente um peso enorme na cabeça. Seria o vinho que subiria ao capitel? Não sei; no entanto, duvida-se...

Pierrot não gosta de peixe; Columbina e Arlequim atiraram-se ao linguado.

Mais vinho. A alegria atinge o máximo. Columbina e Arlequim sentem-se felizes. Pierrot está conformado.

A ceia termina.

Discutiram, houve controvérsia e por fim acordaram: Não ha nada como a gente se entender!

Arlequim agasalha Columbina com a capinha de peles, limpa o suor, entala o lenço entre o pescoço e o colarinho e diz a Pierrot:

—Vamos; é já um pouco tarde e... Pierrot: E' melhor. E' ela que aproveite a *maré de carvoeiro*.

Columbina: Que parvo! Então não te supõe egual a ele?

Arlequim: Deixa-o lá! E' um desabafo.

E lá foram para uma pequena casa, porta e tres janelas, por detraz do Hotel. Entraram. Não tardou que Pierrot viesse á porta, vigilante, de nariz e cabeça erguidos, não fosse algum indiscreto perturbar os pombos naquele *faux-ménage*.

Se era tão simples a explicação! Não é verdade que honestamente, tranquilamente, os queridinhos praticamente resolviam a enigmática «subtração-aditiva» *de quem de dois tira um, quantos ficam?*

Decorreu meia hora. Novamente a porta range e a figura paquidermica de Arlequim aparece. Retesa o colete, ageita o quer que seja, mais uma vez limpa a fronte e diz ao organista:

—Lá está. A operação está feita. Mas, desde que estamos co'a mão na massa, vai lá e tira-lhe a *prova*. Talvês eu me enganasse.

Setembro, 13.

Frei Nuno.

Casos e coisas desta terra

O mistério do Par-S-Inkrivel

Opiniões e opiniões — O que se diz — Eureka?

E anda a gente todo o santo ano suspirando por estes dois meses em que, por fim o corpo e o espirito podem lograr o desejado descanço, passando cada dia ao comprido numa fofa cama de areia, olhando vagamente o mar, cuja superficie eternamente inquieta, scintila sob o sol-criador como um enorme manto azul recamado de pedrarias policromas — para quê?

Se mal ... rapido, *soi-disant*, abala do Rocio e, passado o tunel da Avenida, já em Campolide nos assalta a nostalgia da Cidade, que ainda está á vista a acenar-nos com o lencinho brancò da despedida, das mesas do Martinho, onde se fazem e desfazem reputações e ministerios, onde letrados e scientistas, deputados e vadios de alto coturno arrancham á cavaqueira, mastigando os problemas nacionais, e onde se cozinham intrigas e boatos...

Foi debaixo dessa saudosa impressão que aqui arribamos.

O *dulce far niente*, que é toda a nossa ocupação de agora desespera-nos. Que saudades da vida do jornal, de toda aquela actividade febril por horas mortas, quando a Noite envolvia a cidade adormecida no seu manto de trevas, mais negras, mais negras, que os olhos maganos de certa mocinha que eu conheço. Depois, o *metier* é uma servidão que nunca mais tem fim; quem uma vez caiu nele, jamais poderá sair.

*

Ora, logo á chegada, nos informaram do que havia por aí de novo, de interesse. Quasi nada. Obras nalguns casinos, ausente o quiosque do Baião e mais não disse. A' noite, de meza em meza, de mão em mão, passava um jornal daqui; que dizia ele de interesse? Cairiá o governo? O Kaiser teria sido feito prisioneiro? Nada disso: numa secção da folha, alguem, que se não sabe quem é, — o Par-S-Inkrivel — perturba os sonos cor-de-rosa das meninas com as suas impertinencias. Cada numero que sai, lá o desdobram elas a tremer, num misto de receio e de esperança de se verem perfiladas.

Não vá, ás vezes, o demo ter sabido algum pecadilho encoberto...

Vamos lá a desvendar o misterio, pensamos nós, para ter alguma coisa que fazer.

E por que não? Se até já ha quem prometa alviçaras!

Alviçaras rial senhor! Alviçaras nestes tempos de bacalhau coroado, podem-se lá perder?

Do que conseguimos rezam as linhas seguintes, que a captivante hospitalidade do amigo Alberto Milheiro, deu guarida nas colunas da nossa velha Gazeta.

*

Começamos por fonte limpa: Até á redação do *Oceano* são dois passos. Entramos: a uma meza, curvado sobre um exemplar da folha, catando a sua quarta pagina, um cavalheiro de meia idade, tam absorto que mal deu pela nossa entrada. Chamamos. Veio até nós com um sorriso sibilino a abrir-lhe mais a boca rasgada.

—Poder-me ha dizer quem é o Par-S-Inkrivel?

—A' duas colunas ou só numa do támánho deste? e indicava um anuncio qualquer.

Não nos compreendera. Num tom mais alto perguntamos:

—Quem é o autor dos perfis!

—Hein! Do Pará?

Ainda não fora desta. Quanto o puderam os nossos pulmões gritamos:

—Quem vem a ser o autor dos perfis?

E o homem transfigurado, subitamente tomado de um terror pânico, olhando de sôslaio a porta das trazeiras, respondeu num ciciar brando, como o roçar da brisa pelas setineas pétalas de uma açucena, que quasi lhe mascarava o sotaque brazileiro.

—Eu não, eu não, não senhor. Eu só sou o redactor dos anuncios...

Saímos desapontados. De caminho, um amigo apresentou-nos um moço ainda imberbe, parece que futuro bacharel, homem de letras em embrião e um distinto colaborador do brilhante semanario, como possivel autor, dos perfis em causa.

—E' v. ex.ª autor dos perfis do *Oceano*?

—Eu não. Um homem como eu que usa De atraz do nome, assina tudo o que escreve—respondeu decidido e cavaleiroso o moço fidalgo.

E, como que puxando á testa a viseira dos antepassados despediu-se de nós e lá foi, assobiando o fado do ganga.

*

—Que belo encontro! Olá velho amigo onde ides vós?

—Vou distribuir o *painço* á gajada do Vale-do-Vouga.

—Sabes dizer-me quem é aquele Par-S-Inkrivel dos perfis?

—....! Sei lá quem é! Que...

—Nem desconfias?

—Se calhar é o... do Carlinhos. Mandas mais alguma coisa? Não tomas nada? Então, adeus! Vai *corrê-la borda*.

E lá foi.

*

Horas mortas. A' quina do Chinês divisamos o vulto de um conhecido *Figaro* de Espinho. O homem é *pardal*, deve saber destas coisas.

Quisemos interroga-lo; mas não o conseguimos. Sua ex.ª não nos ouviu, gritava:

—Viva o dr. Afonso Costa! Viva o Afonso Costa! Abaixo o jogo! Viva o sr. presidente do concelho! Viva!...

*

Num banco da Avenida, ao cair da noite, descança a sua gordurinha o representante em Espinho dum grande partido da Republica — grande pela grandeza de cada um dos seus membros.

Somos conhecidos velhos.

—Então que ha de novo? fizemos nós.

—Nada. Eu cá m'acho no meu posto.

—Saberá v. quem é o dos perfis do *Oceano*?

—Deve ser o Antonio José de Almeida, respondeu a rir. Se vocês cá tivessem o Loureiro dos carros poderiam ainda conseguir alguma coisa. Assim...

*

Que seca! Não havia meio de se saber alguma coisa.

No Peninsular quasi ninguem. Os criados fazem os ultimos arrumos da sala do Café, preparando-a para a orgia, para o festim que vai começar dentro em breve. Lá fóra, só o luar anda nas ruas desertas.

Numa meza do canto, dois rapazes bem conhecidos no meio da nossa colonia balnear defronte de dois copos contendo uma bebida verde, de que a luz tira reflexos macabros, conversam animadamente.

Um deles bastante cheio e alto tem a missão de *endireitar* o mundo, *julgando* as boas e as más ações.

O outro, ao pé dele, parece que ainda não tomou o chocolate Matias Lopes... Os seus óculos doirados de dr. Topsius, realçam um pouco mais o franzir irónico da sua face trigueira. Um grande amigo desta terra, que estima do fundo do coração.

—Boas noites srs. drs.

—Muito boa noite. Toma alguma coisa?

—Obrigado. Saberão v. ex.as quem faz os perfis do *Oceano*? Ha dois dias que ando em busca da verdade e até agora... nada. Começo a impacientar-me.

—Não vale a pena, meu caro. Que interesse pode isso ter, que pode importar-nos o homenzinho!

—Está enganado! Anda por aí meio-mundo a querer saber. Já houve quem prometesse alviçaras.

—Já! fez o mais baixo. Então é aproveitar. Se é coisa bastante, já sei quem hei-de indicar... O meu amigo, o meu amigo, tem muito dedo para essas coisas. O estilo é o homem meu caro.

E ria o seu riso irónico, piscando os olhos brejeiros.

*

—Sabes quem é o Par-S-Inkrivel? —disse-me aquela sombra que encontrei na rua 16, lá ao Norte.

—Dize ó tu que vens não sei de donde!

—Repara, meu velho tonto, tu não conheces cá na terra um escritor, que usa sempre luva branca; já com os cabelos grisalhos, mas com uma alma de moço, corpo de atleta, vigoroso. Como medalha da cadeia usa um peso de tonelada. Ele esgrima, ele nada, ele atira e é uma peça de artilharia que mete á cara, ele proseia e verseja, admira que faça os perfis, se ele no *Oceano* é que melhor pode mostrar as suas habilidades...

—Mas quem é?

—Não conheces o pai das duas ninfas?

—Espera... o campeão

—Vá...

—O Oliveira Gr...

—Sim! e a sombra tinha-se feito em fumo, muito subtil, perfumado.

Eureka! Gritamos nós como o de Siraçusa, no meio da noite, e fomo-nos deitar descançados, enfim!

Alviçaras rial senhor!

Será ele? Será. Se não fôr ele o dirá.

C. Z.

Crónicas satânicas

La Vérité, l'âpre Vérité.
STENDHAL.

XIV

O desenvolvimento extraordinario que tem tomado ultimamente o estabelecimento de leitarias na bem amada cidade do Porto, coincidindo com o aumento da natalidade que acusa a estatistica oficial, teme feito pensar por vezes nas singularidades do acaso, esse misterioso acaso invocado para explicar o que temos dificuldade em perceber e que escapa aos nossos grosseiros e humanos modos de análise.

A verdade, todavia, é que o encadeamento dos fenomenos é um facto scientificamente averiguado e uma razão de grande valia para os partidarios do determinismo desâncarem rijamente os prosélitos cada vez mais raros e mais asténicos, da teoria do livre arbítrio. Vejamos este caso.

Em cada canto da mui nobre e lial cidade do Porto surgem, de ha um certo tempo para cá, leitarias varias ostentando aos seus balcões, entre as canecas cheias do substâncial liquido segregado pelas glândulas mamarias das vacas, jovens mais ou menos apetitosas dentro dos seus aventais de jaspe e encimadas pelas suas coifas sugeitivas. Um encanto de alvura! Luz eletrica a jorros, flores dispostas graciosamente em solitarios deixados aqui e ali em cima das mesas, umas mesas mais ou menos artisticas acompanhadas das respectivas cadeiras onde a todos os momentos são vistos cavalheiros varios, respeitabilissimos arquihonestissimos cavalheiros, é claro, que tomam o seu leitinho acompanhado de bolachas e bolos inglezes, conversando santamente com as galantes caixeirinhas.

Precisamente, perto do meu tegúrio ha uma dessas leitarias, uma maravilha comercial, pequenina, gentil inundada de luz, florida intensamente e duma correcção desesperadora á força de estética, com as suas mesas de cristal guarnecidas de latão espelhante e dispostas com uma arte infinita. Um verdadeiro bijuzinho fazendo negaças torturantes aos descamisados que por lá passam e que acertam desviar os olhos enfebrecidos pela fome e pelos coices dos seus irmãos em Cristo, para aquele conforto moderno. Dentro do balcão, duas jovens de carnações transpirando saude, olhos pestanudos encimados por sobrancelhas azevichadas, uns olhos extremamente moveis prometendo mundos de delicias, bocas carminadas, de dentinhos duma correcção capaz de transformar um santo num diabinho travesso.

Depois, umas excelentissimas meninas duma graciosidade, duma gentileza que dá vontade permanecer ali, tomando copos de leite uns após outros, mastigando bolos inglezes e bolachas só para refastelar os sentidos vendo-as, ouvindo-as e— não se espantem — apalpando-as.

E' isto pelo menos o que pensa doutor Freitas Larinho, uma respeitabilissima personagem que foi meu mestre ha um bom par de anos e que passa a mór parte do tempo que o seu cargo de ministrante de filosofia e lalim lhe deixa livre, na leitaria visinha.

Doutor Freitas Larinho bate, com certeza, o *récord* dos bebedores de leite e dos trituradores de bolachinhas. Nesta época de férias, pouco tempo permanece fora do benemerito estabelecimento sempre cheio pelas gargalhadas das duas beldades que se afadigam em rodeá-lo de atenções. Doutor Freitas Larinho é um esteta, um refinadissimo esteta, levando o seu culto da Beleza a ponto de viver com trez formosissimas criadas, trez minhotas de ancas opulentas que teem cuidados inéditos quando adrega ele ser acometido pela sua bronquite asmática.

Na visinhança chamam-lhe «velho devasso», e mestre Zé Casado, o sapateiro da casa, um socialista militante que espanca todos os dias a mulher, um farrapo de mulher magrinha como um vime e tossindo a cada instante, quando se refere ao seu freguez não pode deixar de se indignar e berra congestionado:

—E' um desafôro o que se passa naquela casa!

Trez femeas para um ranhoso dum velho! Ah! se vencemos desta vez as eleições!.. Abaixo o serralho!

O que é certo é que doutor Freitas Larinho, superior a todas as críticas, desafiando sempre a inveja dos seus concidadãos, é alvo das maiores atenções por parte das caixeirinhas da lei aria que o consideram o melhor cliente do estabelecimento.

Ha tempos, como a benemerita casa comercial aparecesse fechada, murmurou-se na visinhança que as gentilissimas empregadas estavam de cama, tratando-se das consequencias de partos, aliaz, felicissimas e—coisa interessante — sucedidos precisamente no mesmo dia.

O soalheiro urbano misturava no caso o nome de doutor Freitas Larinho e um gracioso anónimo — ha gente com qualidades de observação de fazer espantar o mais impassivel — lembrou-se de escrever a carvão esta frase evangelica que se destacava terrivelmente na alvura dos taipais da porta: *Crescei e multiplicai-vos.*

Armando Gonçalves

Impressões dum expedicionario a França

—

Hoje domingo, hora em que vós aí amigos nessa linda praia flanais pela Avenida perseguindo algúma *muchacha* ou estaes no «Peninsular» com o olho atento no 36 ou no 28, eu que estou em descanso, resolvo escrever-vos. Mas escrever-vos o quê? Nada me discorre pela memoria a não ser a promessa que fiz em escrever a miudo para a *Gazeta*. Falar-vos-hei se m'o permitís, do povo francez. Heroico, hospitaleiro ele é realmente um grande povo. Tem sobretudo uma fé constante na vitoria que a meu ver será certissima. No rôsto do soldado francez advinha-se o contentamento, o bem estar. E todos nós os aliados devemos ser como eles. E os portuguezes assim são. *Toujours gais*. O soldado lusitano é alegre a valer. Só a comêr ou a dormir é que não expande a sua alegria é que não assobia ou canta.

E como aqui, ha filhos do norte e do sul de Portugal, torna-se agradavel assistir á verdadeira miscelania de variadas cantigas e ao desenrolar do vasto reportorio. E quando todos nos juntamos e cada um conta a sua historieta, cada um apresenta o seu problema a decifrar, ocorre-me que sômos invenciveis. Invenciveis sim, porque quem traz sempre um sorriso nos labios é imortal é quasi que invulneravel! E quando assisto, isto constantemente, ao cantar dos meus camaradas, lembro-me dum verso que li algures ainda nessa nossa terra, verso da autoria dum consagrado poeta patricio e contemporaneo, que acabava pouco mais ou menos assim, dedicado ao soldado portuguez: —*Dae-lhe uma espingarda e uma guitarra, que ele morrerá a cantar!* Que verdade encerram estas palavras! Vêmos o russo sempre sério, olhos no chão, como que a pensar na morte da bezerra, o inglez fleugmatico, desempenado, sempre de cachimbo ao canto da boca, sportivo a valer, inseparavel, nas horas vagas é claro, da bola de futebol, o americano segunda edição corréta e aumentada do inglez, o preto tanto francez como britanico sempre em posições extravagantes e finalmente—diferente, muito diferente, vêmos o portuguezito valente descendente do Condestavel. E os dias passam-se uns sobre os outros, uns apóz outros digo, sem que ninguem saiba ou diligencie procurar saber quando terminará a guerra. Mas restanos uma consolação um tanto ou quanto efemera: — Cada dia que passa é menos um dia que falta para terminar a contenda. Não é verdade? E é por isso que não desanimamos e mantemos sempre firme a esperança de abraçarmos em breve os nossos amigos. E por falar em amigos, deixae que vos diga uma coisa: Conto por estes dias encontrar a rapaziada de Espinho, se não toda a maior parte. Será para mim um dia memoravel, um dia de contentamento. Trocarêmos impressões, saberei noticias daí para mim até agora tão falhas, e por um momento julgar-nos-hemos em Espinho ou no *orfeon* sob a regencia de Mestre Fausto Neves, ou no «Chinez» assistindo a uma polemica incomparavel entre o Ti Lapa e o sr. João Augusto de Soiza... E todos, os que nos encontrarmos, relembraremos com saudade os bons bocados passados na mais linda praia de Portugal — o nosso Espinho.

J. Marques.

S. Jorge

—*—

Cá nas Caldas, onde me encontro, pareço sentir-me mais um pouco em contacto com a Naturesa de que quando vivo nas cidades.

O ar é mais fresco e saudavel, o proprio vento, ao beijar-me o rosto quasi garotamente, deixa-me a impressão dum beijo de fogo de amante —beijo que dá vida, porque enlouquece a alma!

Ha coisas pequeninas que a gente quando as goza, parece recuperar saude que a morte não é capaz de vencer... Assim tambem o vento destas Caldas, que atrevidamente, mas com graça, bate na janela do meu quarto de dormir, dá-me vida com força. Depois este vento é tão cheio de saudades!... Além disso esta terra não só pela sua situação, mas ainda pelo seu viver despreocupado, faz-nos lembrar recordações tão gratas, que a gente sem querer desfia entre os dedos o rosario das coisas queridas, contando e avivando uma a uma as contas desse rosario!... S. Jorge fica numa cova, como a dormir espreguiçadamente a sésta, quando o sol bate em cheio nos montes que a cercam. O tempo aqui vive-se mais ou menos regularmente. Não ha o barulho ensurdecedor das cidades, nem tão pouco as intrigas dos meios povoados. A gente daqui é boa por indole e dedicada por convicção. S. Jorge não serve para os temperamentos buliçosos, mas tão somente para as almas grandes na simplicidade e pequenas na virtude e sentimentos...

Armazem de Vinhos Finos do Douro
Antonio Francisco d'Almeida Junior & Irmão — ESMORIZ

Eu passo o tempo admiravelmente nas Caldas. Tenho por companheiros, além de meu irmão Bernardino, e diga-se em abono da verdade, coração feito das boas qualidades, os meus amigos Artur Monteiro e Amadeu Santos. O primeiro é uma alma sosinha e despreocupada, mas inteligente, vivendo só para si e para os seus; o segundo, o Amadeu, é um rapaz esperto, fino, vivo, sabedor e de temperamento alegre. Para ele a vida é uma gargalhada constante e prolongada, mas gargalhada que se estuda conscenciosamente, adaptando o espirito a todas as contrariedades.

Tem graça porque o seu todo já é engraçado, e é inteligente naturalmente e não devido a estudos aturados. Ele só entretem a familia mais numerosa. Onde estiver o Amadeu ninguem está triste, porque a respeito de qualquer coisa sabe contar e dizer. Alma franca e sem vaidades, tem o grave defeito de ser precipitado demais, pois de vez em quando *ri-se por baixo* sem olhar se alguem está perto. Ele bem sabe a que risadas me refiro.

Não me lembrava de falar no Gil Ramos, rapaz sincero e dedicado. E' tão cumpridor dos seus deveres que não ha um só dia que ele não se agarre á Medicina Legal estudando com atenção para fazer os seus actos em Outubro.

Mas embora eu seja muito amigo dos meus amigos, muito mais amigo sou da Dorinda de Jesus. Podem julgar que é por interesse ou então por uma questão de delicadeza. Enganam-se!... E' que a propria lua e as estrelas regateiam a graça desta linda rapariga. Dum olhar entristecido, mas cheio de desejos, tem nos labios constantemente um riso que enlouquece e que seduz. A Dorinda é um verdadeiro misterio. Insensivel aos gosos do amor, nem por isso deixa de morder o labio inferior com uma certa arte tentadora, quando algum banhista lhe passa a mão pelo rosto, acarinhando-a. Toda ela é um verdadeiro modelo de belesa, e porque sabe que é bonita, faz-nos morder de prazer quando, numa atitude de vencida, põe os olhos em branco, cerrando-os em seguida languidamente.

Até hoje ainda não compreendi bem a Dorinda, mas sei que é uma vitima da inocencia, ou então é a creancice personificada no seu corpo robusto de mulher.

Mas já que vem a proposito, eu termino esta ligeira cronica segredando ao ouvido do meu bom amigo Antonio Silva:

«*Nunca falaste á Dorinda em amor, rematando a conversa com uma enfiada de beijos sensuaes?*»

A Dorinda! o amor! Coisas que á primeira vista se conjugam muito e que na verdade se afastam tanto!

José Soeiro.

Carteira Elegante

Acompanhado de sua ex.ma familia, encontra-se nesta praia o nosso estimado amigo e correligionario sr. dr. Augusto Amorim de Campos Melo, digno oficial do Registo Civil em Cabeceiras de Basto.

*

Esteve alguns dias entre nós e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso velho amigo sr. Clemente Ferreira Gonçalves, antigo frequentador desta praia.

*

Encontra-se aqui a veranear o sr. dr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina, meretissimo juiz de direito na comarca de Albergaria.

*

De visita a seu irmão, nosso amigo José Amaro, estiveram alguns dias aqui as sr.as D. Maria e D. Carlota Adelaide da Graça Nunes.

*

Para Lisboa partiram o nosso prezado amigo sr. Luiz de Melo Oliveira e sua ex.ma esposa.

*

Vimos nesta praia os srs. drs. Alfredo Magalhães, lente da Escola Medica do Porto e João de Magalhães, distinto advogado na Feira.

*

Regressou á sua casa de Paços de Brandão, o nosso prezado amigo sr. Luiz Andrade Fino.

Casos e Noticias

O tempo e o mar — Ha para aí gentinha que ainda não conseguiu matar a charada. Isto é; ainda compreendeu o motivo porque os montenegrinos se colocaram ao lado da *eleita*, lhe ofereceu o *seu apoio e dos seus amigos.*

E' facil de compreender. Aproveitaram a ocasião de morderem nas canelas de alguem e de *protestarem contra a politica nefasta*, etc... São umas bestas cubicas, estes meninos. Coitados! O que queriam todos sabem; fóge-lhes a chucha.

— Emquanto ao *tempo*, está bom.

O mar — O peixe entrou no rol das subsistencias caras; mas não ha *gréves* nem coisa alguma, que obriguem o mar a dar peixe. Só o Kaiser poderia remediar este inconveniente, pois até o peixe está germanofilo. O pouco que vem, é por medida, embora o mar se mantenha calmo.

Em plena época — Espinho atinge uma animação extraordinaria. Jámais houve tanta frequencia de banhistas e tão grande animação.

Só nos temos que regosijar com este sucesso, com tanta reinação.

Pela imprensa — *A Beira-Mar.* — E' o titulo dum novo colega local que ha dias nos visitou. Diz-se «semanario republicano defensor dos interesses do concelho de Espinho e das classes trabalhadoras — politico, noticioso e literario».

Agradecendo a visita, desejamos-lhe longa existencia e vamos permutar.

Ecos de Antuã — Tambem recebemos a visita deste nosso novo colega, que vê a luz da publicidade em Salreu, Estarreja. Apresenta-se bem redigido, sendo creado para defender os interesses de Salreu e do concelho, tendo por director o sr. Julio Vidal.

Saudando o novo confrade, agradecemos a visita, desejasmos-lhe mil prosperidades e é com o maior prazer que permutamos.

O Môcho — Com este titulo, começa, segundo nos informam, a publicar-se aqui brevemente um novo jornal.

E dizem que o papel está caro!...

Piará o môcho muito tempo?

Dr. Adriano de Amorim — Este nosso muito prezado amigo, juiz de direito e ilustrado governador civil deste distrito, acaba de, conforme o seu desejo, ser colocado em Taboaço.

Respeitosamente cumprimentamos o ilustre magistrado.

Passagem de tropas — Com destino a Lisboa, passou aqui na ultima quarta-feira, cerca das 2 horas, um comboio especial conduzindo um batalhão constituido por contingentes de infantaria 31, do Porto, e infantaria 32, de Penafiel.

Tambem na segunda-feira aqui passou um comboio especial, conduzindo, com destino a varios corpos do norte, empregados dos correios e telegrafo-postais, que por motivo da greve foram mobilisados.

Tournée Carlos de Oliveira — E' hoje e amanhã que temos ocasião de aplaudir no Teatro Aliança esta excelente *tournée*, sob a direcção do distinto actor Carlos de Oliveira e da qual fazem parte as ilustres actrizes Lucinda Simões e Emilia de Oliveira.

Serão levadas á cena as peças *Mancha que limpa* e *Rapto das Sabinas*, sendo de esperar duas boas enchentes.

Salão Avenida — Continua a exibir-se nesta bela casa de espectaculos *films* magnificos, sendo enorme a concorrencia. E', sem duvida alguma, neste cinêma que sempre se reune tudo o que ha de mais chic na nossa praia.

Estão marcadas para hoje estreias de sensação, as quais ninguem deve deixar de ver.

Festas á Senhora d'Ajuda — E' nos proximos dias 22, 23 e 24 do corrente que nesta encantadora praia se realisam as tradicionais e populares festas á Senhora d'Ajuda, que este ano prometem revestir-se de grande brilhantismo, concorrendo para isso duas esplendidas bandas de musica.

A prestimosa Associação Comercial e Industrial de Espinho tomou a iniciativa de fazer as festas exteriores, nomeando a seguinte comissão para tratar de tão importantes festejos: srs. Narciso André de Lima, Alvaro José de Almeida, Manoel Luiz de Oliveira e Costa, Manoel Antonio Moreira, José de Souza Martins e Rufino Soares Mota.

Desastre — No domingo ultimo, pelas 17,30 horas, quando umas creanças brincavam proximo á fabrica Brandão Gomes com um vagonête desta, o menor João, de 6 anos de edade, filho de Domingos Faustino, pescador, caiu e as rodas do vagonête passaram-lhe por cima duma das pernas.

Ficou muito ferido, sendo socorrido na Farmacia Santos pelo sr. dr. Corrêa Marques.

Em perigo — No dia 8, por volta das 11 e meia horas, correram grave risco 12 barcos que tinham saido á pesca do carangueijo. Haviam saido para o mar ás 5 horas, estando ele bom, porém, na volta e devido ao vento leste, encontraram-no agitadissimo, o que originou verem-se atrapalhados para virem para terra.

Não ha, felizmente, desastres a lamentar.

Casino do Grande Hotel — Estreiou-se no passado dia 8 neste esplendido casino a distinta actriz-cantora Georgina Gonçalves, do Teatro Nacional do Porto, que todas as noites ali chama enorme multidão a ouvir as suas magnificas canções, fados, cançonetas, etc.

Novos comboios no Vale do Vouga — Desde o passado dia 11 que são diarios os dois comboios do Vale do Vouga que até agora só se efétuavam ás quintas e sabados. A saber: o que de Espinho parte ás 17,45 para chegar á Sarnada ás 21,6 e o que parte da Sarnada ás 4 para chegar a Espinho ás 7,31.

Troupe Guignol — Com duas casas cheias, realisaram-se na segunda e terça-feira no nosso teatro, os dois anunciados espectaculos por esta distinta *troupe*, que o arrojado empresario e nosso estimado amigo sr. Oliveira trouxe a Espinho.

Tivemos assim ensejo de mais uma vez admirar o talento de Ferreira da Silva, sem duvida alguma o primeiro actor portuguez. Tanto *O Pai*, *O Fado* e *D. Pedro Caruzzo*, como as variedades, agradaram por completo, tendo o publico manifestado o seu contentamento com fartos aplausos.

Ferreira da Silva causou, e nem outra coisa era de esperar, entusiasmo com os seus trabalhos verdadeiramente magistrais, sendo devidamente apreciados pela plateia que lhe dispensou grandes ovações.

*

Quando é que vós — ó retardatarios do diabo! resolveis tomar os vossos logares antes de subir o pano?

Nota-se sempre grande barulho e não se podem tolerar tais abusos.

Batalha de flores — Com grande brilhantismo e repleta de entusiastica animação, realisou-se, na ultima quinta-feira, a batalha de flores, nesta praia. A concorrencia, a este belo e encantador festival, foi extraordinaria.

Numerosos carros e automoveis, artististicamente engalanados, conduzindo senhoras e meninas, com *toiletes* vivas e louçãs, realçando a sua beleza encantadora, circularam na avenida. Ouve momentos em que o entusiasmo atingiu o delirio, e os confétis, flores e serpentinas jogaram-se com o denodo só proprio de corações juvenis, flamejando de amor e mocidade. Foi uma tarde que deixará, em muitos, recordações inolvidaveis e unirá corações para sempre.

Entre outros, lembra-nos vêr os seguintes carros que tomaram parte em tão encantadora festa:

Automoveis dos srs. Marquez de Castelo Melhor, Francisco Ferreira de Souza, Aurelio Pereira do Vale, José de Araujo, José Alves Pimenta Junior, Baltazar Pessanha, Eduardo Fragozo, Herculano Beirão, Domingos Naseimento, Benjamim de Araujo, Alexandre Brandão, Antonio e José de Almeida, Antonio de Oliveira Alves, Benigno Salgado, Antonio Gomes Correia, Benjamim de Pinho, Palma de Vilhena e Fernando de Brito Ermida. Carros: — D. Maria Luiza Mourão e familia, dr. Queiroz e familia, Madame Parodi, meninos Castro Soares, Constant e Santos Gomes, Arminio Vieira, dr. Seixas e Pedro Reriz, familia Marques dos Santos e Augusto Gomes J. Cavaleiros: — srs. Eurico Pouzada e gentil filhinha Hermengarda, Aristides Couceiro, Mario Santos, dr. Pereira e Fernando Garcia da Silva.

— Como nota desagradavel, que mereceu reparo geral e em todos despertou acres censuras, foi o recinto não ter sido regado convenientemente, falta indesculpavel e tanto mais que nos dizem ter obedecido a um proposito e a despeitos pouco consentaneos com a entidade oficial, a camara, que nestes casos superintende. Trataremos de nos informar convenientemente, pois se assim for, esta incorréção merecer-nos-ha mais algumas referencias.

"ATLANTICA"

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500 contos

Séde Porto — Leyos, 92

Agencia Porto — Infante D. Henrique, 57

Telegramas — ATLANTICA — *Porto*

Telephones: Administração 1:986; Secção Expediente 1:306; Secção Maritima 2:105; Agencia 1:897

Delegações e Agencias em

Lisboa	Barcelona	Athenas	Funchal
Londres	Vigo	Bordeus	Ponta Delgada
Pariz	Genova	Marselha	Horta
Christiania	Palermo	Havre	Ilhas de Cabo Verde
Stockholmo	Petrogrado	Tunis	Ilha de Santa Maria
Copenhague	New-York	Alger	
Madrid	Boston	Malta	

1:800 Correspondentes no Paiz

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, graniso, innundações.

Seguros contra morte e accidentes de animaes.

Seguros maritimos contra todos os riscos

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

Sinistros pagos em 1916

153 contos

Banqueiros: J. M. Fernandes Guimarães & C.ª; Joaquim Pinto Leite Filho & C.ª — Porto; Banco Nacional Ultramarino; London County & Westminster Bank; Pinto Leite & Nephews — Londres; Crédit Lyonnais — Paris; Revisions Bank — Copenhague

Esta Companhia está em relações com Companhias Inglezas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Norueguezas, Americanas e Hespanholas.

ANUNCIOS

Casa

Vende-se uma nesta praia e em boas condições.

Pouco capital.

Informa-se na «Tabacaria Havaneza» (baixos do Hotel Bragança).

Hotel do Porto--ESPINHO

Magnificamente instalado em um palacete da Avenida 8 e 31 em frente ao caminho de ferro e a dois minutos da estação e da praia de banhos.

Belos aposentos, sala de visitas com piano, sala de jantar com mesas pequenas, iluminação eletrica e bom tratamento.

A proprietaria—*VIUVA PERES.*

Casa Damas

1—2, PRAÇA CARLOS ALBERTO, 3—4

Porto

Importante estabelecimento de mercearia e confeitaria. Importação directa de todos os generos extrangeiros, dos quaes tem grande sortido, assim como dos nacionaes, que vende por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos aos revendedores.

Especialidade em vinhos verdes, tinto espumante, e branco das suas propriedades do Minho.

Telefone n.º 300—Telgramas: CASADAMAS

Dr. José Salvador

Doenças dos olhos e das vias urinarias

CLINICA GERAL
DAS 10 ÁS 14 HORAS

Rua do Passeio Alegre, 34 — ESPINHO

Dr. Hernani Barrosa

Doenças pulmonares e da nutrição

CLINICA GERAL
DAS 14 ÁS 18 HORAS

Consultorio: Rua de Sá da Bandeira, 405, 1.º—Porto.

VISITEM A

Tabacaria Africana

254, Rua 31 de Janeiro, 256—PORTO

Vasconcelos em Com.ta

CHARUTOS HAVANOS e mais procedencias estrangeiras.
FUMOS DO BRASIL.

Maquinas para fazer cigarros (diferentes sistemas), boquilhas, malas e carteiras. Copos *touristes* em papel.

Perfumarias finas, artigos de *toilette* e aguas mineraes.

Boiões em vidro com pomada para calçado.

POSTAES ILUSTRADOS ARTISTICOS.—LOTARIA.

SEMPRE ARTIGOS DE NOVIDADE!

Casa Angelica

— DE —

João da Silva Martins

Rua Bandeira Coelho, 94-96—ESPINHO

Rendas, miudezas e artigos de bordar, sedas, setins, veludos, tules e galões, botões de fantasia. MEIAS FINAS e piugas. Algodões e panos para forrar, Espartilhos, oculos, lunetas e mais artigos de novidade.—**Preferir esta casa**

Caixa de emprestimos sobre penhores

— DE —

João Alves d'Oliveira

FUNDADA EM 1912

Rua do Passeio Alegre, 104 a 108—**Espinho**

VINHO VERDE AMARANTINO

BRANCO E TINTO

Da Quinta de Manhufe, do conhecido viticultor José Emidio de Sousa Cardoso

Á venda na MERCEARIA DE JOSÉ PINHAL

Rua 31, N.º 48—ESPINHO

Sapataria Pinho

— DE —

A. Gomes de Pinho

Calçado de luxo em todos os estilos e de resistencia

—:—

Sempre as ultimas novidades

Pedir catalogos:

Rua 19, n.º 221 e 223
Rua 16, n.º 131 e 133

ESPINHO

Hotel e Restaurante

CAFÉ CHINEZ

— DE —

JOSÉ FERNANDES DO LAGO

Praia d'Espinho

(PROXIMO Á ESTAÇÃO)

ABERTO TODO O ANO

Zacharias Rodrigues

Praça da Liberdade, 23

PORTO

PUBLICAÇÕES

Nacionaes e estrangeiras
Jornaes de Modas
Tabacos
Boquilhas, Carteiras
Artigos de toilette
Perfumarias
Sabonetes
Postais ilustrados
Loterias

Alberto Milheiro

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

Passeio Alegre, 10

Em frente ao coreto da Graciosa

Fotografia CARVALHO

ESPINHO

ESMALTES FOTOGRAFICOS PARA MEDALHAS, PERFEITOS E ETERNOS

Retratos em porcelana.
Retratos reclame desde $50.
Ampliações inalteraveis desde 2$00.

Fabrica de vassouras e espanadores

DE TODAS AS QUALIDADES

Especialidade em vassouras modernas sistema Brazileiro e ditas Americanas de palha italiana.

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

José de Souza Martins

RUA 18 N.º 172—**Espinho**

Confeitaria Quintas

Quintas & Quintas

R. 19, n.º 102-104 (antiga B. Coelho)

Chocolates finos, bebidas e bolachas nacionaes e estrangeiras, frutas cristalisadas e em calda, rebuçados, fiambre, vinhos finos, aguas mineraes.

Especialidade da casa—*Fogaça de Espinho.*

PREÇOS DO PORTO

Antiga Alquilaria Loureiro

Francisco Pinto Loureiro & Irmão

Trens de aluguer.—Chamadas a toda a hora.

Rua 19—Espinho

V. Ex.ª não quer deixar de ser pessoa de bom gosto? Quer vestir com elegancia e barato?

Vá á Alfaiataria Lacerda, Rua Bandeira Coelho—Espinho

Todos preferem esta casa, pois ali encontram sempre um grande sortido de gravatas, bengalas, chapéos, perfumarias, camisas, tudo de um requintado bom gosto.

Quereis um relogio bem concertado?

Ide á rua Bandeira Neiva n.º 44

Nesta casa tambem se efectuam transáções sobre valôres.

O Proprietario,
Augusto dos Santos Capela

Espinho

Bazar Central da Avenida

FILIAL DO "BON MARCHÉ"

— DE —

Alfredo Ribeiro Baião

Avenida 8, N. 124—ESPINHO

Grande sortido em brinquedos para crianças. Lembranças com dizeres e vistas da praia. Artigos de fantasia para homens, senhoras e crianças, figuras biscuit e jarras, solitarios e muitos outros artigos de toilette. Perfumarias nacionais e estrangeiras, etc. etc.

Casa Sport

BARBEIRO, CABELEIREIRO E CALISTA

ESMERO, SERIEDADE E LIMPEZA

FRANCISCO ANTONIO ALVES

RUA 19. 72 e 74

ESPINHO

Ourivesaria Coelho

43, Rua Sá da Bandeira, 45--Porto

(ao lado da casa Borges & Irmão)

O melhor sortido de objectos de oiro, joias e pratas, por preços baratissimos.

Compra ouro e brilhantes.

Preferir esta casa

Cigarros do Pará

Marcas 16 de Novembro e Caporal da Casa de Riscas são os mais deliciosos.

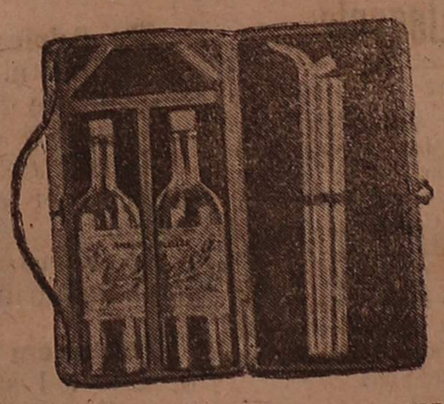
Charutos da Bahia, marcas da minha casa, são os preferidos.

Pedidos a FIRM. BORGES—24, Rua das Flores, LISBOA.

Acham-se á venda em Espinho no estabelecimento do sr. Joaquim de Oliveira Reis.

Analisite Cezal

(REGISTADO)



Aparelho seguro e pratico para a determinação volumetrica da acidez dos oleos comerciaes; e em especial dos AZEITES.

Preço do aparelho completo, 2$50 (2$500 réis), pelo correio mais 150 réis.

Deposito geral: DROGARIA de ALBANO GARCEZ
12, Rua do Comercio, 14—LISBOA